

Hegel no *Pós-escrito* de Kierkegaard, hoje no Brasil

Hegel in Kierkegaard's *Postscript*, today in Brazil

Álvaro L. M. Valls
UNISINOS/CNPQ
alvaro.valls@gmail.com

Resumo: Uma pesquisa brasileira contemporânea sobre as relações entre Kierkegaard e Hegel não pode continuar situada na caricatura de uma crítica agressiva e unilateral. Os trabalhos recentes tanto de Jon Stewart (Copenhague) quanto de Hélène Politis (Paris) abrem novas perspectivas que atestam mais respeito de Kierkegaard por Hegel. Entretanto, a erudição histórica de Stewart precisa ser confrontada com os estudos da Ciência da Lógica que Politis, no seguimento de B. Bourgeois e de H.-B. Vergote, não teme encarar.

Palavras-chave: Relações de Kierkegaard com Hegel; Lógica hegeliana; Pós-escrito conclusivo não-científico; J. Stewart; H. Politis.

Abstract: A Brazilian contemporary research on Kierkegaard's relations to Hegel cannot resist as an aggressive and unilateral caricature. Recent works both of Jon Stewart (Copenhagen) and Hélène Politis (Paris) open new perspectives, which attest more respect of Kierkegaard for Hegel. Nevertheless, Stewart's historic erudition needs to be confronted with the studies on the *Science of Logic* that Politis, following B. Bourgeois and H.-B. Vergote, doesn't fear to face.

Keywords: Kierkegaard's relations to Hegel; Hegel's Logic; Concluding unscientific postscript; J. Stewart; H. Politis.

Para nos prepararmos, afinal, para ler em nossa língua materna o *Pós-escrito conclusivo não-científico*, devemos relegar ao passado as polêmicas nos moldes que Niels Thulstrup atribuía a Kierkegaard. Jon Stewart e Hélène Politis, entre outros, já possibilitam uma nova leitura das críticas ali contidas. - Nossa tradução, a partir da língua original, vem surgindo, com o auxílio de Marília Murta de Almeida e de Else Hagelund, e estamos chegando àquele capítulo quase do meio do livro, intitulado *Uma olhada sobre um esforço contemporâneo na literatura dinamarquesa*, após o qual

teremos um primeiro volume pronto para as revisões finais.¹ - Repensemos essa relação, tal como ali se encontra. Privilegiemos a metade da obra, sem utilizar o axioma de que Kierkegaard (ou Climacus) tem sempre razão, mas busquemos, quanto possível, ouvir também o lado de Hegel.

Rediscutir a relação, proposta tão comum hoje, vale também para a de Kierkegaard com Hegel. Caracterizada como polêmica e cheia de recursos retóricos, a polêmica não deve mais ser encarada nos termos caricaturais de cinquenta anos atrás, como nas exposições de Thulstrup, de Copenhague. Simplificando, de modo reducionista, esta antiga posição, podemos dizer que, para ela, Kierkegaard combatia Hegel como inimigo figadal, sem conhecer a fundo seu pensamento. Acrescentava-se a lenda de que Kierkegaard se formara numa universidade cheia de hegelianos, passando, é claro, por uma breve fase de influências germânicas, bem visíveis na *Dissertação sobre a ironia*, mas logo superadas e transformadas em combate de ideias e sarcasmos, culminando no *Pós-escrito* de 1846.

Na virada para o século XXI vivenciamos uma nova fase. Jon Stewart, em sua obra monumental de 2003, propõe *reconsiderarmos as relações* entre Kierkegaard e Hegel. Esquematizemos sua visão, antitética à do Pastor Thulstrup: propõe três momentos distintos: primeiro, um jovem influenciado por Hegel, de quem aprecia muitas teses, em especial na estética (I); depois, uma polêmica cada vez mais estridente, porém direcionada, na verdade, contra os contemporâneos pretensamente hegelianos, sem agredir, a rigor, o filósofo de Stuttgart (II); enfim, após o *Pós-escrito*, a fase em que Hegel não é mais discutido, pois está assimilado, digamos, nas estruturas dialéticas da *Doença para a morte*, de 1849 (III). O trabalho analítico de Stewart, valioso nos detalhes históricos, não chega, porém, a satisfazer plenamente. Vale, sem

¹ Estamos usando a edição crítica SKS, volume 7, junto com o da terceira edição das *Samlede Værker* (SV3) e somos auxiliados nas dificuldades pelas seguintes traduções: as alemãs das *Gesammelte Werke* e da DTV, as francesas das *Œuvres Complètes* (Tisseau) e de *Petit*; em língua inglesa, as de Swenson, dos Hong e de Hannay, e a recém adquirida edição em castelhano do *Postscriptum no científico y definitivo a Migajas filosóficas*, por Nassim Bravo Jordan, que declara explícita e lisamente, em nota à p. XXIII, ter-se baseado na tradução inglesa de Howard e Edna Hong (México: Editora da Universidad Iberoamericana 2008, 666 pp.).

dúvidas, como antítese da primeira caricatura raivosa, mas passa uma má impressão: no fundo, Kierkegaard não seria bem contra a filosofia de Hegel, mas só contra as deturpações pelos discípulos dinamarqueses. Em última análise: nem partilhava do mesmo conceito de filosofia de Hegel. Quase se percebe, em Stewart, a suspeita de que filósofo de verdade era só Hegel, e que a polêmica dos anos 40 se devia em boa parte à inveja ou a outros sentimentos menos nobres de Kierkegaard (cuja ironia só disfarçaria, e mal, a inveja pelo sucesso de Martensen e pela conquista da cátedra por Nielsen). - Pobre irônico, que ria por falta de alternativas...

Mesmo em língua inglesa, há felizmente outras interpretações, que discordam nos detalhes, mas concordam na tese geral, que se pode considerar hoje como já estabelecida: há que conhecer o contexto cultural da idade de ouro dinamarquesa para compreender a polêmica; há que tomar conhecimento das posições de pelo menos Heiberg, Martensen, Nielsen e Adler, assim como, por outro lado, não se pode mais falar sobre tais assuntos desconhecendo seus professores Poul Martin Møller e Fr. Sibbern, além do bispo Mynster. Posto isso, sobram três questões fundamentais. 1) Era Kierkegaard um filósofo de verdade, mesmo que seu conceito de sistema pudesse discordar do hegeliano? 2) Era a maior parte da polêmica direcionada mais contra os hegelianos do que contra Hegel? 3) Supondo afirmativas as respostas às duas questões (embora alguns franceses e alguns pós-modernos prefiram um Kierkegaard não-filósofo, à maneira de Heidegger, - e mesmo reconhecendo o grande respeito por Hegel, misturado com sátira e ironia): resta uma última questão, uma *Gretchenfrage*: saber o que Kierkegaard louvaria ou criticaria no núcleo do sistema hegeliano. Ou: como se relacionava ele com o núcleo duro do sistema do próprio Hegel?

Quem, antes de ler Stewart, alimentou-se por três décadas com as interpretações do pesquisador francês Henri-Bernard Vergote, e não se convenceu de todo com as ricas teses interpretativas de Jon Stewart, pode agora se alegrar com o muito que tem a dizer a professora Hélène Politis, recém aposentada da Sorbonne. Vejamos algo sobre essa pessoa, de admirável capacidade de trabalho, generosidade e

fidelidade a suas amigadas. Politis há tempos foi althusseriana, depois trabalhou com Vladimir Jankélévitch que, ao cessar suas atividades acadêmicas a recomendou à orientação de Bernard Bourgeois, o qual a teria transformado numa operosa hegeliana se ela não tivesse conhecido Vergote. A leitura que faz de nosso dinamarquês respeita, sim, o que há de melhor em Hegel, mas ela vê Kierkegaard como um bom filósofo, o que muda muita coisa!

Em 1993, Politis defendeu na Sorbonne uma tese de 1.735 páginas ante um júri formado por Paulette Carrive, François Dagognet, André Clair, Peter Kemp e Vergote, sobre: *Le discours philosophique selon Kierkegaard*. Depois, publicou vários artigos sobre a questão da “exigência do tempo”. Em *Autour de Hegel, hommage à Bernard Bourgeois*², ela introduziu o artigo: “Socrate, fondateur de la morale, ou Kierkegaard commentateur de Hegel et historien de la Philosophie. Muitos talvez já conheçam seu: *Le vocabulaire de Kierkegaard*³, mas talvez poucos tiveram a sorte de ler *Kierkegaard en France au XXe. Siècle: archéologie d’une réception*⁴, e bem poucos tenham podido usar um instrumento de trabalho de 450 páginas que editou como *Répertoire des références philosophiques dans les Papirer (Papiers) de Søren Kierkegaard*⁵. Abstraindo de outros artigos, concentremo-nos em seu livro de 2009⁶: *Le concept de Philosophie constamment rapporté à Kierkegaard*. Mas, antecipemos, deste livro, o “rude programa” para as pesquisas que ela recomenda:

Ici comme ailleurs, lire Kierkegaard ne devrait pas consister, à la manière des commentateurs pressés et des brigands semi-cultivés, à se saisir de phrases arbitrairement privées de leur context, pour leur faire raconter n’importe quoi. Lire Kierkegaard, c’est lire, en danois et avec l’information – littéraire, historique, philosophique, theologique – requise, l’œuvre entière; c’est respecter ce qu’elle dit, la façon originale dont elle le dit (la communication indirecte kierkegaardienne

² Paris: Vrin, 2000.

³ Paris: Ellipses.

⁴ Paris: Kimé, 2005.

⁵ Paris : Les Publications de la Sorbonne, 2005.

⁶ Paris: Kimé, 384 páginas.

communique bien un objet, non de vagues effets de sens), le moment où elle le dit, l'interlocuteur à qui elle le dit, en étant attentif à la diachronie du dire et à la synchronie du dit. Voilà assurément un rude programme, mais la rigueur de l'écriture kierkegaardienne est aussi, pour le vrai lecteur, un encouragement et une invitation à la précision. (POLITIS 2009, p. 181)

Para respeitarmos a exiguidade do tempo, resumimos a seguir o que se encontra no seu capítulo IV: *A crítica filosófica da ideia de sistema* (POLITIS 2009, p. 153-194). Em seu livro de 2005, essa *Vigília Parisiense* havia denunciado a recepção sartriana, ao mostrar que SK é um pensador que trabalha com conceitos. Agora, insiste em que não se trata de uma “consciência infeliz” a protestar romanticamente, pois sua crítica ao sistema “é uma crítica sistemática” (POLITIS 2009, p. 153), que põe em confronto duas obras propriamente filosóficas e tem como alvo principal justamente a lógica. De início há que entender que, com raras exceções, “sistema” significa, na pena de SK e dos pseudônimos, o hegeliano, embora haja referências contra as promessas de sistema de Heiberg e Nielsen.

Não devemos estudar essa relação com os parâmetros das discussões tradicionais. Hélène Politis previne que “*la polémique risque d’occulter, partiellement au moins, la dimension philosophique du débat ou de la reléguer au second rang*” (POLITIS 2009, p. 155). Dito em língua de gente, significa que a discussão é, sim, filosófica, não se tratando de diatribe pessoal, rancores, idiosincrasias, ciúmes ou invejas. São questões filosóficas, sobre as quais os dois divergem, cada um com seus argumentos. Hélène Politis chama nossa atenção para a “forma” do debate: “*dans sa forme, cette polemique recourt volontiers à des instruments qui furent le registre conceptuel, et l’art rhétorique s’y déploie selon des modalités que les philosophes, en règle générale, n’apprécient pas*” (POLITIS 2009, p. 155). Ficamos avisados de que, se a discussão é filosófica no conteúdo, bem pode escapar das formas tradicionais da argumentação conceptual, e que, além disso, utiliza uma retórica que pode desorientar muitos filósofos, além de aborrecer a outros. *Præmonitus præmunitus:*

atentamos à retórica (que sempre existe, mas, em alguns, de modo consciente e com valor artístico ou genial). Hélène Politis esclarece de que retórica está falando:

L'abondance des références littéraires, le recours à des images en rapport avec la vie ordinaire, l'appel ironique à l'anecdote (parfois empruntée à des sources fort savantes), les allusions ad hominem ne facilitent pas le repérage des concepts et contribuent à donner l'impression que ceux-ci sont superficiellement assimilés, voire absents. (POLITIS 2009, p. 155)

Deixemos os exemplos, pois quem já leu Kierkegaard conhece seu estilo próprio, cheio de anedotas (muitas extraídas de Diógenes Laércio ou do teatro danês), as quais, sempre engraçadas, têm uma função na exposição filosófica (e não estão ali para distrair ou para que o autor relaxe do esforço intelectual). Mas podemos dar exemplo das alusões *ad hominem*, certos de que Stewart concordará: quando Climacus fala, num só fôlego, que *é preciso duvidar de tudo* e que *é preciso ir além (at gaa videre)*, é claro que está aludindo a Martensen e não diretamente a Hegel. Quando lamenta que o sistema esteja interrompido no parágrafo 28, é óbvio que se refere a Nielsen, não ao filósofo de Stuttgart. A conclusão, metodológica, de Politis, é de que tais recursos podem produzir uma impressão (falsa) de superficialidade dos conceitos (que é fácil de refutar, quando se conhece Kierkegaard), ou de ausência dos conceitos, impressão que se refuta com uma leitura cuidadosa e atenta. Concordamos que Climacus não facilitou as coisas para o leitor apressado e superficial, ideologicamente posicionado contra ou a favor de Hegel, ou de Kierkegaard. Tal conclusão seria uma novidade, inaudita?

Ciente de que o estilo polêmico não facilita a transparência, Politis reafirma que, apesar das distâncias entre forma da mensagem e conteúdo filosófico, *“la polemique est porteuse de vérité philosophique et le discours bâti sur une assise conceptuelle ferme”* (POLITIS 2009, p. 155). Ou seja: a polêmica é portadora de verdade filosófica e o discurso se constrói sobre uma base conceptual firme! Isso basta

para nos obrigar, a nós filósofos, a enfrentar a tarefa da interpretação crítica, na busca da verdade. Não se trata de literatura, por melhor que seja, mas de discussão filosófica, sobrecarregada de munição retórica. O autor não se furta a usar o arsenal retórico da filosofia, acumulado desde os tempos dos sofistas, dos santos padres e dos moralistas, não se furta a usar aforismos e fragmentos, e tem bons motivos para empregar tais meios. Talvez para evitar que suas idéias sejam enquadradas, por um *expert* sistemático, como uma nota de um parágrafo no sistema. Por isso a professora diz que não há apenas uma verdade filosófica *na* polêmica, “*mais encore une vérité philosophique de la polémique*” (p. 158s.).

A armação filosófica do discurso kierkegaardiano, superadas as dificuldades metodológicas, oferece ainda um difícil acesso porque aí se reflete de novo a questão “*du devenir historique du hégélianisme*” (POLITIS 2009, p. 156). A questão de uma dogmática especulativa, por exemplo, que ocupa um grande espaço no debate, a rigor não é questão hegeliana. Aí Hélène Politis parece pensar em Stewart, ao escrever: “*On serait donc tenté – sans doute est-il légitime de le faire dans des limites précises – de tracer une ligne de démarcation entre le système de Hegel et le ‘système’ en tant qu’il inclut les hégéliens*” (POLITIS 2009, p. 156). Mas falta esclarecer se o sistema, como Kierkegaard o entende, é o mínimo denominador comum ou exprime algum aspecto do hegelianismo numa ou noutra interpretação? Há que lembrar o texto de Poul Møller sobre a imortalidade do homem, em que o mestre de Kierkegaard ironiza as diferentes interpretações que os discípulos de Hegel faziam sobre a questão no mestre. H. Politis cita o primeiro livro kierkegaardiano, de 1838⁷, cuja primeira nota começava com as palavras:

Entretanto, não se deve crer assim totalmente ao pé da letra nos hegelianos, quando eles comentam a sua relação com a realidade efetiva; pois quando, neste aspecto, eles se apóiam

⁷ SV³ I, p. 22/OC I, p. 72-73.

*na obra imortal de seu Mestre (sua Lógica) aí me parece que eles procedem como numa hierarquia...*⁸

Ao menos desde 1838, SK desconfiava de falsos discípulos de Hegel, ao mesmo tempo em que mostrava respeito pela Lógica. Climacus terá (ao elogiar Trendelenburg) palavras duras a respeito de discípulos que se prevalecem da fama do mestre.⁹ A pretensão a *ir, ou melhor, ter ido além de Hegel*, ele só vê como algo negativo, pois não se pode ir além de Hegel sem destruí-lo. Convém aqui citar B. Bourgeois, o orientador de tese de Hélène: *“Muitos ‘ultrapassaram’ Hegel, mas sem passar por ele. No caso de Hegel, é mais fácil superá-lo afirmando compreender Hegel melhor que o próprio, do que passar pelo tremendo trabalho de procurar compreender o que ele efetivamente disse”*¹⁰ A conclusão da autora é não confundir a tendência anti-sistema de SK com um anti-hegelianismo sumário (POLITIS 2009, p. 158). É válido entender ao pé da letra, como confissão de SK, o que aparece como uma confidência de J. de Silentio:

*No que toca a mim, eu dediquei tempo suficiente para compreender a filosofia hegeliana, e também creio não a ter compreendido muito mal, tenho suficiente temeridade para pensar que quando, apesar dos cuidados que apliquei, não consigo compreender certas passagens, é porque o próprio Hegel não foi bem claro.*¹¹

Climacus segue a mesma direção, quando em nota do *Pós-escrito* argumenta que: *“tornar-se hegeliano é suspeito, compreender Hegel é o máximo”*¹². Hélène tem a grande satisfação de mostrar que Bourgeois concorda com essa citação. E se alegra

⁸ *Imidlertid skal man ikke saa ganske troe Hegelianerne paa Ordet, naar de omtale deres Forhold til Virkeligheden; thi naar de i denne Henseende beraabe sig paa deres Mester udødelige Værk (hans Logik) da forekomer det mig, at de gaaer til som i Rangforordningen...* (SKS 1, p. 18 n.1)

⁹ Por ex.: SKS 7, p. 107. SV³ IX, p. 94/OC X, p. 105/ Tr. Petit, p. 73.

¹⁰ B. Bourgeois, Apresentação d’A Enciclopédia..., p. 376.

¹¹ SV³ V, p. 32/OC V, p. 126.

¹² SV³ X, p. 69, n. 1/OC X, p. 70, nota*/ Petit 250.

igualmente de anotar o complemento da citação, que continuava assim: *“tornar-se cristão é o máximo, querer compreender o cristianismo é suspeito”* (idem).

Mas seria Hegel inocente dos equívocos de seus seguidores? Como fica a questão dos “diabinhos e duendes” de que falava Haufniensis? Vimos que já no primeiro livro Kierkegaard atentava à lógica de Hegel (*Ciência da lógica* ou a *Lógica da Enciclopédia*). Politis cita uma frase de Pascal Marignac que retrata muito de nossas leituras tradicionais da relação: *“Kierkegaard, ao contrário de muitos de seus comentadores, tem um conhecimento direto do sistema hegeliano; e, strictissimo sensu, ele certamente o compreendeu”* (apud POLITIS 2009, p. 159). Muitos de nós já diferenciamos o autêntico Hegel de um Hegel dos seus seguidores, porém, sem buscarmos entender Hegel da perspectiva de Kierkegaard com o mesmo respeito e aplicação que este demonstrava, e com o mesmo conhecimento. Que tipo de seguidores de Kierkegaard não são os que denunciam Hegel, sem conhecimento mais aprofundado dos textos que são objeto das críticas?

A relação entre os dois filósofos parece basear-se num mal-entendido (o que divertiria SK): A filosofia é *“para Hegel ‘um empreendimento pessoal’; mas sendo ‘a afirmação da filosofia como sistema’, este empreendimento exige que o filósofo esqueça sua própria subjetividade – a qual como tal é um obstáculo ao pensar...”* (POLITIS 2009, p. 159s.). Levemos então a sério o que diz Bourgeois em sua *Apresentação* da tradução da *Enciclopédia* de Hegel, *“todo o seu esforço foi superar o ou isto ou aquilo, característico de um pensamento incapaz de apreender a unidade concreta, a unidade de determinações diferentes, a totalidade ou o sistema”*.¹³ Mas leiamos, no livro da aluna de Bourgeois:

Que a extrema pertinência do comentário kierkegaardiano se exprime no modo do mais grosseiro mal-entendido se explica por aí. Quando visa ao sistema, Kierkegaard denuncia bem exatamente o que constitui o essencial dele, mas opera esta denúncia pelo recurso a modalidades discursivas que Hegel recusaria como não-fundadas. Seja como for, a oposição de

¹³ Apresentação d’A Enciclopédia, p. 378.

Kierkegaard a Hegel não corresponde em nada a uma rejeição caricatural (mesmo se a caricatura é uma das armas antissistemáticas utilizadas pelos autores pseudônimos) (POLITIS 2009, p. 160 – tradução nossa).

A polêmica visa à própria Lógica, núcleo do pensamento de Hegel. Este distinguia entre matemática e filosofia, esta última sendo dialética e sendo a matemática “a perfeição da unilateralidade” (BOURGEOIS, p. 58). Também Kierkegaard distingue o lógico e o matemático. Aceita que o pensamento lógico, que enquanto formal é objetivo ou necessário, se relaciona também subjetivamente com a realidade, porém aí de forma apenas hipotética. Politis refere-se aí a duas fontes para a discussão: por um lado, o *Interlúdio das Migalhas* continua a ser a última palavra: na dimensão do real, vale a contingência, não a necessidade; e por outro lado Politis recorre ao artigo de Pous M. Møller *sobre a imortalidade do homem* para fundamentar a ontologia kierkegaardiana.

As páginas do Pós-escrito sobre a ideia de sistema supõem portanto conhecido e assimilado o Interlúdio das Migalhas filosóficas, ao qual Johannes Climacus reenvia seu leitor, aproveitando ocasião para sublinhar que estará sempre pronto a torná-lo o fundamento dos desenvolvimentos dialéticos complementares. (POLITIS 2009, p. 162 – trad. nossa)

Møller, mestre de Kierkegaard, aceitava uma Ontologia a priori, mas não considerava vantajosa a fusão, feita por Hegel em Jena, da Lógica com a Ontologia: pois seria um passo atrás em relação a Kant. Assim, uma Ontologia a priori pode nos fornecer o conceito de qualquer coisa, mesmo da imortalidade do homem, mas não nos dá uma prova da sua realidade. Há um salto na prova, pois os homens não são conceitos. Há um paralelismo entre a imortalidade, em Møller, e a felicidade eterna, de Climacus (o problema das *Migalhas*). Politis esclarece que Kierkegaard não usa os conceitos de ser-aí e de existência no mesmo sentido que seu mestre e amigo, mas assume dele a aproximação de certeza matemática e certeza ontológica. O *Interlúdio*

das *Migalhas* estaria consagrado a refutar uma proposição da *Wissenschaft der Logik* de Hegel: “Assim a efetividade é idêntica a si mesma naquilo que é diferente dela, a possibilidade. [Entendida] como identidade, ela é necessidade.”¹⁴. Climacus argumenta que a necessidade não é a unidade de possibilidade e de efetividade. Nas *Migalhas*, põe a questão como a pergunta fundamental: “Então necessidade não é a unidade de possibilidade e de realidade? O que significaria isso?” (*Migalhas*, p. 107). E responde: “Possibilidade e realidade não são diferentes na essência, mas no ser.” (Idem) Há que diferenciar as determinações do ser e as da essência. Para esta, vale o necessário. Mas a dimensão do ser inclui o devir e por isso nunca é necessária: nada *vem a ser* por *necessidade*. Possibilidade e efetividade não diferem na essência, mas no ser.

O devir (não a necessidade) põe em relação possibilidade e efetividade, mas assegurando-lhe uma passagem de uma a outra, jamais sua unidade. A proposição hegeliana segundo a qual a necessidade é a unidade da possibilidade e da efetividade é recusada em proveito desta: o devir é a passagem da possibilidade à efetividade. Trata-se de uma mutação, não na essência, mas no ser, e a mudança do devir responde à das condições específicas enquanto é a passagem de um não-ser-aí à un ser-aí. (POLITIS 2009, p. 165 – trad. nossa.)

Na passagem do possível ao real, há primeiro um ser que ainda não é de fato e que passa a ser de fato, a ser aí, a existir ou ser efetivo. A efetividade destrói a possibilidade, quer realizando-a (um noivo ao casar-se deixa de ser noivo), quer rejeitando-a (um noivo que desiste do casamento já não será noivo). Errou, p. ex., um historiador quando afirmou que na guerra do Paraguai havia entre os brasileiros escravos libertos (ou eram escravos ou eram libertos; não há noivo casado, apenas esposo). Nesses casos, nada a ver com a necessidade. Estamos na dimensão do vir a ser (ninguém é esposo por necessidade). A invariabilidade do passado não deve ser

¹⁴ Science de la Logique. Premier Tome. Deuxième Livre. La doctrine de l'essence, Tr. P.-J. Labarrère et G. Jarczyk. Paris: Aubier Montaigne, 1976, p. 255. “Ainsi l'effectivité est-elle identique à soi-même dans ce qui est différent d'elle, la possibilité. [Entendue] comme cette identité, elle est nécessité.” Ou, no original: “So ist die Wirklichkeit in ihrem Unterschiedenen, der Möglichkeit, identisch mit sich selbst. Als diese Identität ist sie Notwendigkeit.” Hegel, *Wissenschaft der Logik II*, Meiner1975 [1934], S. 175.

confundida com a necessidade no sentido de Climacus. Tampouco o futuro é necessário. Kierkegaard é ex-noivo porque o rompimento do noivado aconteceu, mas aconteceu sem necessidade ontológica: poderia não ter acontecido. Concordamos com Politis em que a questão evolui logicamente para a distinção entre razão fundamental (*Grund*) e causa (*Aarsag*; em *al.*: *Ursache*):

Pois a análise dos conceitos de necessidade, de possibilidade e de efetividade remete à análise do conceito subentendido (que sous-tend) o dispositivo antissistemático kierkegaardiano. Este conceito é o de liberdade. (...) Falar de liberdade, é substituir ao conceito de razão o de causa, pois que ,nada que vem a ser vem a ser por uma razão-fundamental; mas tudo por uma causa’ (POLITIS 2009, p. 167 – trad. nossa.)

É o dito nas *Migalhas*, p. 108: “Todo devir acontece em liberdade; nada do que está vindo a ser vem a ser devido a uma razão; mas tudo por uma causa”. Ora, Politis logo acrescenta: “*Et chaque cause finit dans une cause librement agissante, cette cause étant Dieu*” (POLITIS 2009, p. 167). Deste argumento ainda não vemos, digamos, a evidência. Pode ser que JC ou SK o use, mas como este diria: ainda faltam algumas determinações intermediárias. Ela deve ter como base a afirmação, do final do ponto 2 do *Interlúdio*, tão lapidar quanto enigmática: “*O devir histórico mais especial devém por uma causa relativamente livre, que por sua vez remete definitivamente a uma causa absolutamente livre*” (*Migalhas*, p. 110). Depois, Politis mostra Climacus a recusar toda superação/realização da lógica do entendimento pela lógica especulativa. Atentemos à 3ª. observação do § 82 da *Enciclopédia*:

Na Lógica especulativa, a simples *Lógica do entendimento* está contida e pode ser construída a partir dela; para isso não é preciso senão deixar de lado o dialético e o racional; torna-se assim o que é a *Lógica ordinária*, uma *história* de variadas determinações de pensamento reunidas, que em sua finitude valem por algo finito.¹⁵

¹⁵ G. W. F. Hegel. *Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio (1830), I - A ciência da lógica*. Trad. Paulo Meneses. S. Paulo: Loyola, p. 167.

A isso SK responderia em 5 pontos: 1) JC recusa que a lógica do entendimento deva ser uma parte da especulativa; e mantém a distinção de ser e de essência. 2) A unidade das determinações diferentes se encontra no ser, não na essência. 3) Os pensamentos concretos de que fala Hegel no referido parágrafo da *Enciclopédia* são decerto dialéticos, mas não racionais no sentido de Hegel. 4) As determinações de pensamento continuam sempre finitas;

a lógica do ser diz dialeticamente, de uma parte, que o ser (como devir) é temporalidade, e, de outra parte, que a significação desta história não deve ser procurada no cumprimento racional especulativo de uma disjunção paradoxal entre o infinito e o finito, mas no reconhecimento de uma disjunção entre o infinito e o finito... (POLITIS 2009, p. 168)

5) A lógica da essência permanece abstrata. O pensamento é o abstrato, que Møller designava como o hipotético. Climacus recusa a lógica de Hegel, embora trabalhe com as categorias dialéticas estabelecidas por Hegel. Mas sua lógica do entendimento não coincide com o que Hegel chamava de lógica ordinária. Retornamos assim ao ponto em que Climacus afirmava que um sistema do ser aí não é possível para um existente, só podendo ser um sistema para Deus. Como o formula H. Politis: “*Dieu est bien le seul à correspondre à la figure du penseur systématique!*” (p. 169) Parece que SK se recusa a distinguir o lógico e a lógica, e a superar o entendimento pela razão, porque o existente não pode assumir o ponto de vista de Deus ou da eternidade. A atividade racional autoprodutora não passaria de um delírio da imaginação. Diz H. Politis:

En récusant le passage dialectique du logique à l'effective, du concept à l'être et de l'abstrait au concret, en déniant à tout autre qu'à Dieu le savoir absolu, en maintenant la dualité entre la logique (qui, abstrayant, est elle-même abstraite) et le devenir (concret, ou plutôt, concrétion), Kierkegaard renvoie l'entreprise systématique au domaine des fantasmes, sur le plan psychique, ou à celui du fantastique, sur le plan esthétique. Il n'y a pas de médiations du je empirique au 'Je' pur. (POLITIS 2009, p. 170)

As demais críticas a Hegel decorrem daqui, quer se refiram ao método, ao estatuto da ética ou à filosofia da história que substitui a ética, ou à relação entre religião e filosofia (ver POLITIS 2009, p. 171). Também se referem à lógica de Hegel outras críticas, tão conhecidas, que se mantêm num plano conceptual, mesmo que amiúde também assumam tons polêmicos e se apliquem primeiro a discípulos dinamarqueses: ao começo do sistema; ao seu resultado; à progressão enquanto regressão; e à mediação. Diz Politis:

Kierkegaard répond à Hegel en inventant, avec un grand art philosophique, une conceptualisation dialectique radicalement non spéculative qui abat, terme après terme, la superbe conceptualité hégélienne. Pour mettre techniquement en relation ces deux conceptualités et montrer ce que la seconde (celle de Kierkegaard) doit à la première (celle de Hegel), mais aussi en quoi la seconde manifeste une originalité tout aussi remarquable, en son genre, que la première dans le sien, il faudrait écrire un ouvrage entier. (POLITIS 2009, p. 172)

Aí caberiam, é claro, a noção de *Aufhebung*, de mediação, de especulação. Aí viria o estudo do conceito de repetição. Enfim, seria preciso revisar em Hegel o seu espinosismo e a questão do panteísmo. São questões que nem passam pela cabeça do leitor que esteja convencido de que Kierkegaard não é um filósofo de verdade. Mas que estão lá, em sua obra, para quem quiser ler. Em todo o caso, resta por analisar o binômio existência, no sentido kierkegaardiano, e realidade efetiva, no sentido hegeliano.

Devemos agora concluir. Esperamos ter mostrado como a professora da Sorbonne constitui uma alternativa atual, em parte um corretivo, às análises de Stewart. Tal como no recinto da Sorbonne temos que lembrar que há que ler as interpretações atuais em inglês, agora, num contexto que lê preferencialmente autores americanos, há uma certa graça em ler uma professora francesa que atualiza e aprofunda as análises de Vergote. Não se aceita mais que os leitores de Kierkegaard

continuem a ignorar os textos de Hegel. Citemos então a importantíssima nota dos *Pós-escrito*:

Houve, é claro, investigações lógicas anteriores a Hegel, mas o seu método é tudo. Para ele e para qualquer um que esteja bem desperto para compreender o que significa querer algo de grande, a ausência desta coisa neste ou naquele ponto não pode ser uma ninharia, como quando um merceiro e um freguês discutem sobre se há um tanto de peso a mais ou a menos. O próprio Hegel, aliás, apostou toda a sua reputação nesta questão do método. Mas um método possui a propriedade peculiar de, quando visto abstratamente, não ser absolutamente nada; ele consiste precisamente no processo de sua realização; o método está no ser executado, e onde não é executado, não é o método, e quando não há nenhum outro método, então não há pura e simplesmente nenhum método. Que se reserve aos admiradores de Hegel fazer dele um tagarela; um adversário sempre saberá honrá-lo por ter desejado algo de grande e sem o ter alcançado.

E concluamos da seguinte forma: o pensador subjetivo não deixa de fazer leituras e análises objetivas, apenas não para por aí. Tais análises, hermeneuticamente objetivas são especialmente importantes na academia. É claro, por outro lado, que o leitor de Kierkegaard não esquecerá que ele mesmo é um pensador existente, e que sua preocupação essencial deve estar neste ponto.

Referências bibliográficas

KIERKEGAARD, S. *Samlede Værker*, København: Gyldendal, 1962ss. (SV³) e *Søren Kierkegaards Skrifter*, København: Gads Forlag, 1997ss. (SKS). *Œuvres Complètes de Søren Kierkegaard*, Paris: L'Orante, 1975ss. (OC), e (para o *Postscriptum*: trad. Paul Petit. Paris: Gallimard, 1949).

HEGEL, G.W.F. *Wissenschaft der Logik II*. Hamburg: Meiner, 1975 [1934]. *Science de la Logique. Premier Tome – Deuxième livre. La doctrine de l'essence*. Trad. P.-J. Labarrière et G. Jarczyk. Paris: Aubier Montaigne, 1976.

THULSTRUP, N. *Kierkegaards Verhältnis zu Hegel und zum spekulativen Idealismus. 1835-1846. Historisch-analytische Untersuchung.* Stuttgart/Berlin/Köln/Mainz: Kohlhammer, 1972.

VERGOTE, H.-B. *Sens et répétition. Essai sur l'ironie kierkegaardienne, I et II.* Paris: Cerf/Orante, 1982.

VERGOTE, H.-B. *Lectures philosophiques de Søren Kierkegaard. Kierkegaard chez ses contemporains danois.* Paris: PUF, 1993.

BOURGEOIS, B. *A enciclopédia das ciências filosóficas de Hegel.* In: G.W.F. HEGEL, *Enciclopédia das ciências filosóficas, em compêndio (1830), vol. I – A ciência da lógica.* Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995, p. 373-443.

WESTPHAL, M. Kierkegaard and Hegel. In: A. HANNAY & G. MARINO. *The Cambridge Companion to Kierkegaard.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 101-124.

STEWART, J. *Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered.* Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

STEWART, J. *A History of Hegelianism in Golden Age Denmark. Tome II. The Martensen Period: 1837-1842.* Copenhagen: Reitzel, 2007.

POLITIS, H. *Le concept de philosophie constamment rapporté à Kierkegaard.* Postface de Bernard Bourgeois. Paris: Éditions Kimé, 2009.